

## RESUMO - GT1: RACISMO E DEMOCRACIA EM DEBATE

### **VIOLÊNCIA, LUTO E RACISMO: “UM DIA AINDA ENTRA EM DESUSO MATAR GENTE”**

*Rose Brito (rose.milovic@gmail.com)*

O presente trabalho analisa o luto das mulheres negras na maior chacina do Brasil, que ocorreu em 28 de outubro de 2025, nas comunidades da Penha e do Alemão, no Rio de Janeiro. A partir da metodologia baseada na ética dos relatos será possível realizar uma leitura interseccional de raça, gênero e classe sobre a referida violência policial. Com referencial teórico na obra da escritora feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie: “Notas sobre o luto”. Em uma entrevista, um morador afirmou com indignação: “O Brasil deveria parar.” No entanto, o que se verificou nas mídias oficiais foi o discurso de “operação de contenção do CV” e nas redes sociais o apoio de simpatizantes da extrema direita às execuções e a política de extermínio do Governo Castro. Mônica Cunha publicou o texto “A fábrica de luto do racismo onde mães negras não têm direito ao choro”, em que afirma que o Estado do Rio de Janeiro é um ‘fabricador’ de vítimas. O Estado cria pessoas que obrigatoriamente terão de viver um luto eterno. Em uma entrevista, uma moradora repetia a frase: “A mata cheira à morte. A mata cheira à morte” e acrescentava: “nossa comunidade está de luto. Mesmo assim, morto, a gente ainda deveria ter o direito de encerrar nosso luto com dignidade. Estamos há dias tentando encerrar isso e essa espera não acaba”. Essa injustiça social, injustiça econômica é também uma injustiça epistêmica. Na obra “Quadros de Guerras”, Butler defende que a vida é passível de luto quando a possibilidade do luto é um pressuposto das

vidas que importam. Uma vida que é negada, invisibilizada, não será chorada quando for perdida. Na obra “Mortos a obra”, Despret defende a tese que os mortos exigem justiça. Criam resistência na luta contra o esquecimento. Seguem atuando. Ativando relações entre passado, presente e futuro. O luto, portanto, pode criar mundos comuns, alianças entre vivos e mortos, na luta por reparação e justiça. Nesse sentido, o trabalho apresenta o luto também como forma de agenciamento, para além da doxa psicologizante e da episteme freudiana do “trabalho de luto”. Na conclusão, é criticada a forma racista como o Estado administra não só a vida, como também, a morte de certas populações e comunidades no Brasil.

Palavras-chave: violência; luto; racismo.